

ficha 5

BOLETIM DA CASA DA ACHADA-CENTRO MÁRIO DIONÍSIO

Uma ideia **mobilizadora**, qual a da preservação e renovado impulso do **memorial** cívico, intelectual e artístico de **Mário Dionísio**,

fez abrir ao público, **há 3 anos exactos**, a Casa da Achada. Do muito trabalho, das múltiplas iniciativas cuja integral explanação ocuparia todo o espaço da Ficha, resume-se o que de mais **significativo** há para salientar: catalogou-se a Biblioteca de M.D. e de sua mulher Maria Letícia, tornando-a **acessível** a interessados e colocando o **catálogo** na internet ♦ inventariou-se e digitalizou-se grande parte do **espólio** de M.D. ♦ restaurou-se e acondicionou-se toda a sua **obra gráfica** ♦ abriu-se (abre-se) **5 dias** por semana, incluindo aos sábados, domingos e feriados, a **Zona Pública** ♦ montaram-se **6** exposições longas e **8** curtas e organizaram-se **24** visitas guiadas ♦ catalogou-se a **Biblioteca Pública** (constituída por ofertas) e iniciou-se o serviço de empréstimos domiciliários ♦ editaram-se **7** livros, **5** serigrafias e **2** colecções de postais, além de **5** números (este incluído) do Boletim Informativo ♦ criou-se o **Coro da Achada**, sendo mais que muitas as suas actuações públicas ♦ houve lugar para uma **programação contínua** de actividades que entendemos culturais, mesmo quando artesanais – **34** oficinas realizadas ♦ os ciclos de cinema, por exemplo, contaram até hoje **139** sessões, sempre com apresentações específicas ♦ mantiveram-se Grupos de Leitura (**6**) em instituições próximas (Centros Sociais, um Recolhimento, duas Escolas) e na nossa Biblioteca Pública ♦ **fora de portas**, participámos em exposições, palestras, actuações do Coro, leituras ♦ dedicámos **29** sessões a M.D. e à sua obra ♦ realizaram-se **3** ciclos de leituras e palestras sobre **A Paleta e o Mundo**, contando-se ao todo **157** sessões ♦ fizemos circular por bibliotecas, escolas e associações a exposição dedicada à **Vida e Obra** de M.D. ♦ por sentido **solidário** cedemos a outros as nossas instalações para realizações culturais diversas ♦ ainda a somar: **4** Leituras Furiosas (organização e edição de brochuras próprias) ♦ **4** Feiras para **recolhas de fundos** já que **nada** se cobra ♦ **14** sessões de **Itinerários** existenciais e políticos de outros tantos convidados ♦ **28** sessões dedicadas aos **livros das nossas vidas** ♦ Tudo isto, **fora o resto**, foi conseguido graças ao esforço e à dedicação de **270** colaboradores individuais e cerca de **20** organizações diversas, tudo gente **compulsivamente** voluntária ♦ As palavras finais, essas, vão directas às muitas centenas, talvez **milhares** de pessoas para quem, afinal, existe e labuta a Casa da Achada – e vão assim: **parabéns a vocês**, razão e sentido da nossa **persistência** ♦



I. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Continuam a ser tratados os dossiers temáticos do Espólio Literário, do Espólio Artístico e do Arquivo Pessoal de Mário Dionísio e de Maria Leticia – inventário, catalogação, digitalização. E continuam a ser digitalizados os Recortes de Imprensa. Em breve, os originais.

O ritmo de trabalho tem abrandando: não foi possível renovar o contrato, atendendo à falta de apoios, com uma das pessoas que está encarregada desta tarefa.

Mesmo ainda antes de as informações e os documentos serem introduzidos numa base de dados geral, é possível consultar tudo o que se encontra no Centro de Documentação. O que algumas pessoas têm feito. Por exemplo, Inês Dourado consultou e reproduziu inúmeros documentos para a sua dissertação de mestrado sobre *A Paleta e o Mundo* de Mário Dionísio (História de Arte – Universidade Nova de Lisboa) que acaba de entregar. Também Carlos Serra, que trabalhou sobre a correspondência entre Mário Dionísio e Vergílio Ferreira e concluiu o seu trabalho de projecto de Mestrado em Edição de Texto, FCSH. Também Morgane Masterman, que entretanto defendeu duas teses de mestrado, em Nanterre, uma em 2010-2011 – MÁRIO DIONÍSIO, LE FEU QUI DORT - A ESCRITA POÉTICA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA – e outra em Junho de 2012 - L'«HOMME NOUVEAU» DANS LA POÉTIQUE DE MÁRIO DIONÍSIO - FRAGMENTS D'HUMANITÉ DANS LE PORTUGAL DU XX^e SIÈCLE: POÉSIA INCOMPLETE (1966), LE FEU QUI DORT (1967).



2. EXPOSIÇÃO MÁRIO DIONÍSIO-VIDA E OBRA

Composta agora por 13 painéis cronológicos e alguns documentos digitalizados, a Exposição começou a circular. Na Casa da Achada, onde esteve entre 25 de Abril e 25 de Setembro de 2011, tinha também fotografias, documentos, livros, desenhos e pinturas.

Depois de ter estado na Biblioteca da Escola Secundária de Camões, na Biblioteca Municipal de Coimbra, na Escola Secundária José Gomes Ferreira, na Biblioteca de Alhos Vedros (extensão da Biblioteca Municipal da Moita) e na Biblioteca Municipal de Figueiró dos Vinhos, a exposição seguirá em Janeiro de



CARTA AO PRESIDENTE DA CÂMARA

Em 29 de Junho, escrevemos 6 cartas longas aos responsáveis das entidades que habitualmente apoiam actividades culturais e sociais: ao Presidente da CML (que a enviou para o GABIP-Mouraria), à Vereadora da Cultura (que nos recebeu em 7 de Setembro), à Vereadora da Habitação (conversámos dias depois com elementos da sua equipa), à Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa (para lhe dar conhecimento da situação) ao Secretário de Estado da Cultura (o seu chefe de gabinete respondeu que tinha remetido a carta para a DGartes e para a CML), ao Presidente da Administração da Fundação Calouste (que respondeu e a quem voltaremos a escrever quando conseguirmos provar a «sustentabilidade» da Casa da Achada).

Entretanto, concorremos, em Julho, como todos os anos, aos apoios da CML à Cultura (a resposta costuma levar vários meses) e, pela primeira vez, aos apoios da CML ao Desenvolvimento Social (ainda sem resposta). E pedimos em Setembro um segundo apoio ao Montepio.

Graças a nova parceria estabelecida com a Associação Cardan Amiens, com a qual iremos realizar o Encontro «Pensamentos e Achados na Achada», em Novembro (ver mais à frente), ser-nos-á possível (com menos dois colaboradores contratados) assegurar o normal (mas mais lento) funcionamento até Dezembro.

Para que cada um possa ajuizar da grave situação e encontrar as soluções que não conseguimos ainda encontrar, publicamos excertos duma das cartas enviadas em Junho. Neste caso, a que foi para o Presidente da CML.

Escrevo enquanto presidente da Direcção da Associação Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, fundada em 29 de Setembro de 2008 por mais de meia centena de personalidades e que, exactamente um ano depois, em 29 de Setembro de 2009, abriu as portas ao público, nas suas duas áreas: centro de documentação e actividades culturais regulares.

Durante estes quase três anos de actividade, a vida da Casa da Achada foi correndo com as dificuldades inerentes a este tipo de organização, mas sem grandes sobressaltos. Para isso, contámos com a participação voluntária de inúmeros colaboradores, de saberes muito diversificados e de idades várias, muitos dos quais com obra conhecida e reconhecida, alguns «polivalentes», como, aliás, também o foi Mário Dionísio.

.....

Mas, para se poder avaliar o momento difícil que estamos a viver e a tentar ultrapassar, gostaria de fornecer mais alguns dados, alguns dos quais são do seu conhecimento:

É verdade que a fundação desta Associação Cultural sem fins lucrativos repousou num conjunto de «ilusões» da nossa parte:

A primeira: termos julgado que adquirir um edifício na zona histórica de Lisboa e ter procedido a obras nele, tudo com dinheiros particulares, logo sem qualquer gasto por parte das entidades públicas, para o pôr ao serviço dos outros, com entrada livre, teria algum interesse para essas entidades.

Dito de outro modo: que os Governos (fossem de que partido fossem) e a Autarquia da Capital não seriam totalmente indiferentes à criação dum novo equipamento, chamemos-lhe

«Centro Cultural», numa zona pobre (e histórica) onde não existe nenhum outro, e para o qual despenderiam sempre pouco dinheiro, sobretudo se comparado com o que é despendido em «eventos», «comemorações» e «campanhas».

A segunda: termos imaginado que não seria necessário fazer arraiais, cantar o fado, entrar nas marchas, organizar «festivais» ou «colóquios internacionais» para sermos interlocutores credíveis dos departamentos culturais da CML e das empresas a ela ligadas (EGEAC), e bem assim do (extinto) MC e da sucedânea SEC e suas repartições (DGartes, DGLB, etc.).

Dito de outro modo: os concursos «oficiais» – com prazos a cumprir, estipulados pelos «serviços» para quem concorre (as respostas das várias entidades que distribuem o dinheiro é que não têm prazos ou não precisam de os cumprir) – dizem pouco respeito às nossas actividades (que são quotidianas) e à personalidade que deu origem a esta Casa.

Mário Dionísio não é, de facto, um «jovem artista emergente», candidato a festivais de vária ordem; não «produzimos» arte, «divulgamo-la»; não lutamos directamente (e o indirectamente é que pode ser importante) contra a toxicod dependência, a prostituição e outros flagelos, nem organizamos grandes espectáculos. Muito menos com as vedetas chamadas «populares» do momento. Até por fidelidade ao pensamento, interesses e gostos de Mário Dionísio, que aliás também são os nossos. E a que julgávamos não ter de regressar depois de 1974.

Aqui faz-se outro género de trabalho: memória por enquanto vencida, instrumentos para

cada um fazer coisas novas a partir do que deixou de ser conhecido, etc.

E é quase impossível (em nome da «equidade», «transparência», «eficácia») explicar o que aqui se faz a quem tem algum poder e dinheiro para distribuir. Regra geral, todo o contacto é feito, em nome da mesma «eficácia», por «formulários» inseridos na net...

É assim que, por exemplo, a informação de que existe aqui um Centro de Documentação (que inclui a biblioteca privada de Mário Dionísio e Maria Letícia Clemente da Silva, de características bem singulares), e ainda uma biblioteca pública, de características populares, com empréstimos domiciliários, não tem cabimento no «esquema» da agenda da CML, como os «serviços» nos explicaram...

E foi também assim que desistimos de solicitar à CML, o que começámos a fazer com insistência desde antes da abertura da Casa da Achada, a sua sinalização nas ruas próximas, tão necessária dadas as dificuldades de acesso às nossas instalações.



A terceira: termos pensado que para essas mesmas entidades oficiais teria alguma importância à criação de 4 postos de trabalho (1º emprego para 4 jovens – 2 com formação universitária e 2 sem ela), atendendo ao que é reiterado de há longa data nos discursos oficiais sobre o «combate ao desemprego» e nos objectivos de programas e projectos vários, entre os quais o «Plano de Acção» para a Mouraria em que parece que estamos incluídos.

A quarta: termos julgado que era possível na nossa prática diária gastar mais tempo a fazer coisas destinadas aos outros (arquivos, restauros, realizações públicas de muitos géneros, incluindo para crianças, a pensar no bairro, edições, Coro da Achada...) do que a «caçar dinheiro», fazendo «projectos» com regras várias, cronogramas, declarações, etc. que, de uma maneira geral, se baseiam na desconfiança em relação aos que «pedem apoio», sejam eles quais forem.

A quinta: termos acreditado que as provas dadas, nalguns casos durante largas décadas, por quem fundou e está à testa da Casa da

Achada, seriam suficientes para não sermos olhados sempre como eventuais «ladrões» do erário público e evitarmos o esforço e o tempo (bom para outras coisas) a provar que o pouco que nos foi «dado» foi bem aplicado (facturas, relatórios, declarações...), quando as actividades são públicas, publicitadas em pequenos cartazes, prospectos e na internet (ver: <http://www.centromariodionisio.org/historia.php>) e a contabilidade da Associação pode a todo o momento ser consultada quando e se houver suspeitas de «desvios».

A sexta: termos aceiteado, logo em 2009, sermos «parceiros» do QREN-Mouraria por 3 anos, que já passaram ou estão quase no fim (nem se consegue bem perceber...), tendo até agora recebido 1200 € para as acções «imateriais» propostas e aceites, dum montante que seria superior a 50 000 €.

Não somos, de facto, uma «empresa» com fins lucrativos (e é isso que é preciso ser) e o tempo dependendo a fazer contas e a enviar facturas (retidas, libertas, à espera...) é incalculável e irreparável, sobretudo quando as «regras financeiras» se vão alterando ao longo do tempo...

.....

Assim, quando completar o seu 3º ano de funcionamento, toda a actividade da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio terá de ser reformulada, se não se encontrarem soluções que passem por financiamentos especiais:

1. O trabalho de Arquivo continuará mais lento, e apenas entregue a voluntários, passando o Centro de Documentação a fornecer serviços mais dificilmente.
2. A abertura da Zona Pública e as actividades públicas passarão a ser excepções, de periodicidade a definir, ou sem periodicidade, mantidas também por voluntários.
3. Os empréstimos domiciliários dos livros da Biblioteca Pública seguirão os mesmos princípios.

.....

Parece-me evidentemente triste (além de injusto) que se desperdicem aprendizagens, saberes, capacidades, energias, investimentos e sobretudo um património cultural que poderia continuar a ser utilizado pelos municípios de Lisboa e não só, além de se empobrecer um bairro já de si pobre (e neste momento em fase de «reabilitação») e que a presença da Casa da Achada de algum modo transformou.

Venho, por isso, solicitar um encontro entre a Direcção da Casa da Achada e a Câmara Municipal de Lisboa.

.....

Eduarda Dionísio



2013 para a Biblioteca Fernando Piteira Santos da Amadora.

A semelhança do que já tinha acontecido na Escola Secundária de Camões, na Biblioteca Municipal de Coimbra e na Escola Secundária José Gomes Ferreira, em que se realizaram sessões relacionadas com a Exposição, aconteceu em Alhos Vedros um ciclo de 4 palestras organizadas pela associação CACAV: MÁRIO DIONÍSIO PROFESSOR por Rui Canário (13 de Abril), MÁRIO DIONÍSIO ESCRITOR por Maria Alzira Seixo (19 de Abril), MÁRIO DIONÍSIO PINTOR por Rui Mário Gonçalves (17 de Maio), MÁRIO DIONÍSIO – A INTERVENÇÃO SOCIAL E POLÍTICA por Eduarda Dionísio (24 de Maio), que viriam a ser repetidas na Casa da Achada. Mais gente e mais interesse em Alhos Vedros do que em Lisboa.

Esta exposição continuará a circular. Há a hipótese de uma pequena digressão em França: Paris, Montpellier, Lyon. Mas não tem sido fácil. São «negócios estrangeiros»...

3. DEUS NO TELHADO E OS NOVOS ANJOS

Esteve patente ao público entre 25 de Abril e 28 de Maio a Exposição de Fotografia de Giuseppe Morandi intitulada «Deus no telhado e os novos anjos» (ver Ficha 4).



A sua inauguração coincidiu (não por acaso) com a nossa habitual festa do 25 de Abril. Dia de chuva. Mas não foi por isso que houve menos gente nem menos alegria. Até tocaram gaiteiros.

Estiveram connosco Giuseppe Morandi, Gianfranco Azzali (Micio, presidente da Lega di Cultura di Piacenza que organizou a exposição), Peter Kammerer, Paolo Barbaro – todos vindos expressamente de Itália.

No dia seguinte, o colóquio bem interessante sobre as fotografias de Morandi. Além do autor, falaram jovens fotógrafos (André Beja, Camilla Watson, Catarina Botelho, Luis Rocha) e não fotógrafos, entendidos ou não em fotografia (Giuseppe Morandi, Jorge Silva Melo, Paolo Barbaro, Peter Kammerer).

Em que é que estas fotografias são diferentes de outras? O que é isso de fotografia? Nestes tempos tristes conturbados que vamos vivendo. E quando a fotografia parece tão banal, tão «integrada»...

A exposição contou com cerca de 200 visitantes que vieram expressamente vê-la, depois dos dois primeiros dias. Sem contar portanto com os muitos outros que a viram, porque vieram à inauguração, ao colóquio e às actividades habituais da Casa da Achada durante o mês em que ela esteve montada. E levámos esta exposição à Glória do Riba-

tejo, num dia especial, dedicado a Paulo Claro, em que Jorge Silva Melo leu em voz alta e o Coro da Achada cantou.

4. VER AGORA MELHOR O MAIS DISTANTE EXPOSIÇÃO E LIVRO

Inaugurou no dia 1 de Junho mais uma exposição de obras de pintura (e desenho) de Mário Dionísio que durou até 24 de Setembro de 2012. Exposição muito especial. 34 pinturas mais 2 desenhos acompanhados pelos textos de Regina Guimarães que deles partiram. Obras que estão depositadas na Casa da Achada e duas emprestadas por Luis Miguel Cintra. Uma parcela das mais de 120 sobre as quais Regina Guimarães foi escrevendo.

Os quadros e os textos (expostos e não expostos) foram reunidos no livro-catálogo com o mesmo nome que editámos (col. MD n.º7) e tem prefácio de Rui-Mário Gonçalves – extracto de um texto feito para a ocasião. Foi feita uma brochura que funcionou como folha de sala com o texto completo que Rui Mário Gonçalves escreveu.

Regina Guimarães esteve presente na inauguração. No dia da Feira da Achada, Eduarda Dionísio fez uma visita guiada.

A exposição contou com cerca de 500 visitantes, que vieram expressamente vê-la depois do dia da inauguração. Outros a viram. Os que se deslocaram à Casa da Achada no dia da abertura e para participar noutras realizações enquanto ela esteve montada.

5. CORO DA ACHADA

Continuaram, à quarta-feira à noite, os ensaios do Coro da Achada, formado em Junho de 2009, dois meses antes da abertura ao público da Casa da Achada e composto por mais de 50 pessoas de todas as idades. Uns parecem ter ficado para sempre. Outros chegam, outros partem. É assim.

Depois da publicação da Ficha 4, o Coro da Achada teve as seguintes actuações públicas: inauguração da exposição «Deus no telhado e os novos anjos» (Casa da Achada, 25 de Abril); viver cada dia como se fosse o último (São Lázaro 94, 16 de Maio); lançamento do catálogo *Desta canção que apeteço* (Casa da Achada, a convite da AJA - Associação José Afonso, 26 de Maio); Amigos de Mário Dionísio: Carlos de Oliveira (Casa da Achada, 7 de Julho), IV Feira da Achada (14 de Julho).

Foram publicados mais exemplares do CD editado em Setembro 2011, que reproduz canções do repertório do Coro - um repertório que tem ido aumentando, com músicas novas e velhas, com mais canções a partir de poemas de Mário Dionísio, e que pode ser consultado em <http://letrascoroachada.blogspot.com>.

6. BIBLIOTECA PÚBLICA

Não obtivemos apoio do programa camarário BIP-ZIP, que se destinava, entre outras coisas, à divulgação da Biblioteca Pública e incentivo dos empréstimos, e ao do início da montagem da secção de audiovisuais. Nem da Fundação Gulbenkian (apoio a pequenas bibliotecas).

No entanto, os empréstimos continuaram a funcionar e a catalogação, e começou a proceder-se a uma nova arrumação da biblioteca, que tem uma extensão (reservados,

NO 3.º ANIVERSÁRIO DA CASA DA ACHADA

Quanto a mim...

A vida na casa amarela

Foram as canções que primeiro me trouxeram até à casa amarela do Largo da Achada: Casa da Achada - Centro Mário Dionísio. E se nunca resisti a esse encontro marcado, às quartas-feiras – a princípio, muito a medo –, a vida e obra de Mário Dionísio foi (e continua a ser), ali, como um achado que se quer, ora lento e consciente (porque o que há para achar tem tanto da exigência de um poema, como do detalhe de uma tapeçaria), ora que nos entre de rompante, vida adentro, na sua múltipla força (professor ainda, escritor, pintor).

Aqui encontramos a intervenção tecida no quotidiano, entre as gargalhadas daquele filme que – agora sim! e ainda a tempo – se consegue ver, a uma segunda-feira, e as discussões mornas ou acesas, nova e renovadamente, em torno de itinerários, de amigos, de livros das nossas vidas, de uma leitura – furiosa!; de uma paleta, que é viagem pintada no mundo dos Homens, e até um convite ao repensar de polémicas passadas, com assuntos de agora.

É este um espaço onde a cultura não nos é arremessada, pronta a ingerir, vendida a cem soldos sem deixar troco, sem deixar nada; e que, por isso, nos impele a voltar, e a tornar, e a querer mexer nas ideias, e a amassar os textos, e a inventar os objectos e a desafi(n)ar as canções.

Uma casa onde o sentido crítico não é estorvo (coisa rara!) e o aprender pode começar simples, numa pergunta, prosseguindo livremente sem se deixar dobrar pelo cansaço do corre-corre deste relógio, que vai já sem corda. Morder as dificuldades; saber dizer não!

«Mas o que ali floresce, não mais se apaga ou esquece». Entre oficinas de tapetes, feiras de luta e de sonhos, traduções de línguas que não sabemos, para ideias noutras línguas que, aos poucos, se tornam familiares; entre aquele que aqui vem fazer coisas, e o outro, que é também vizinho, seja criança, seja velho.

E, enfim, há ainda um momento distraído nos entretantos daquele trabalho escrito ao domingo à tarde, debruçada na *mezzanine*, para saltar de livro em livro, deslizando pelas estantes da biblioteca com a ânsia de que ali possam permanecer até os poder folhear, finalmente, quem sabe lá fora, no banco corrido do quintal.

Se nunca cá tivesse vindo (e tornado), prosseguiria acreditando que nunca teria tempo para cá vir. Mas há sempre tempos possíveis, arrancados da rotina, para se tornarem outras formas de rotina; e se «a poesia está na vida», a vida quer continuar aqui, na casa amarela do Largo da Achada, por mais e mais dias felizes (que lembram também os de Piadena), construídos à força das vontades, resistindo ao directório dos cifrões.

Marta Raposo



O que se «acha» na Achada

O nome que foi buscar ao velho largo da Mouraria adquiriu outro sentido além do que a toponímia lisboeta consagrou pela orografia plana. Há três anos que ali se «acham», para quem os quiser (re)descobrir, os livros, pinturas e desenhos criados por Mário Dionísio, e com eles muitas outras obras oferecidas por amigos ou adquiridas ao longo de toda uma vida norteada por valores humanistas. Desse património, gerido com uma dedicação inversamente proporcional aos meios financeiros, partiram as bases de um intenso programa de actividades aberto à comunidade local e ao

mundo, e que naturalmente se alargou a encontros temáticos, a sessões regulares de cinema ou mesmo à criação de um coro que vai somando concertos em vários países.

Quando em 2010 aceitei o desafio de organizar a primeira exposição de desenhos de Mário Dionísio, foi isso que «achei» na Achada. Uma casa aberta à partilha de ideias, uma equipa disponível para colaborar no que fosse necessário e uma grande vontade de fazer coisas. Porém, logo ao primeiro contacto com as obras ficou bem claro que seria preciso mais. Sem uma urgente intervenção profissional de conservação e restauro, aqueles trabalhos não resistiriam ao desgaste do tempo. E o projecto de os apresentar, embora os resgatasse aos armários do Centro de Documentação, teria efémera expressão se não fossem garantidas condições adequadas a futuras exposições e estudos.

O indispensável apoio mecenático acabou por chegar da Fundação Montepio, que reconheceu na Casa da Achada um parceiro à altura dos seus objectivos de responsabilidade social. Assim se tornando realidade a operação de preservação do acervo de desenho, realizada por especialistas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, bem como a apresentação condigna das obras numa exposição que as relacionou com a pintura e a escrita de Mário Dionísio, e da qual se editou um pequeno catálogo para memória futura. Tudo o mais – da paginação do livro às traduções para francês e inglês dos



textos de sala, das visitas guiadas às conferências – se fez com a entrega dos que ali trabalham e com o generoso empenho dos que frequentam a casa.

«Sonhar com as Mãos», título dessa exposição inaugurada em Setembro de 2011, pode mesmo servir de metáfora ao que é a Casa da Achada: um lugar onde, apesar de todas as dificuldades

quotidianas, ainda se acredita na Cultura e na possibilidade de construir algo. Sem esquecer que, ao manter acessível o espólio de Mário Dionísio, figura destacada do século XX português, mantêm também o notável arquivo de um tempo para quem o pretenda estudar.

Paula Ribeiro Lobo
Universidade Nova de Lisboa

A utopia achada

Vou lá várias vezes, e são sempre poucas. Já apresentei um filme, já participei em sessões com livros, cantigas, discussões, e todos os anos estou nesse belo acontecimento chamado Leitura Furiosa. Um momento em que as histórias são pretexto para juntar pessoas daqui e acolá de modo a podermos, todos juntos, reimaginar o mundo. Refazê-lo. Sim, não há muitas embaixadas da utopia como este espaço na Lisboa escondida.

A Casa da Achada é um desses raros lugares onde a chamada «cultura» – tantas vezes tão mal tratada, com maiúsculas, notas de rodapé ou secretarias de estado – é mesmo inquietação, sonho, pergunta viva, e isso sem deixar de ser a coisa mais humana e quotidiana, o pão nosso de cada dia. Num tempo de «grandes superfícies» o «pequeno buraco» da Achada permite-nos cair de novo na esperança. Não, ali não se é transportado para nenhum país das maravilhas com prazo de validade. Mas, naquela casa de portas abertas, é bem possível chocarmos com um rosto mais verdadeiro. O nosso?

Jacinto Lucas Pires

Experimentar o impossível

Há gente no mundo que prefere experimentar os impossíveis, pensando e construindo, na acção. Fazer isto significa construir a vida, fora dos limites do imposto. É isto que mais me interessa na Casa da Achada - Centro Mário Dionísio (gente deste mundo, que pensa e faz, sem esquecer a relação entre coisas).

Cheguei à CA-CMD para ensaiar umas músicas para cantar na semana de abertura («vamos fazer um Coro de pessoas que não sabem cantar», e fizemos). Foi só o princípio. Três anos a experimentar o impossível. Cantar, encadernar, pintar a parede de branco, pintar na parede branca, ajudar a montar a exposição. Procurar num livro, descobrir umas fotografias, os quadros, aqueles documentos da PIDE.

Três anos a aprender, pensar e fazer com as pessoas. A construir a vida. A experimentar o impossível (às vezes muito menos do que queria).

Sónia Gabriel

Contra ventos e marés

O meu testemunho sobre a Casa da Achada é simples. Acho que o projecto é indispensável e insubstituível. Este é o seu emblema e o seu ADN. Em Portugal há muitas organizações e iniciativas culturais interessantes e válidas. No entanto, muitas delas se desaparecessem não se notaria muito e de algumas outras se dirá que poderiam ser substituídas com relativa facilidade. Ora a Casa da Achada é realmente única no seu protagonismo, no seu esforço, na sua independência, no seu fôlego, na sua utopia, e até nas suas debilidades e incertezas. É essa razão – a originalidade provocadora e caótica da Casa da Achada – que principalmente me seduz no projecto. E é por isso que a Casa da Achada tem mesmo que continuar. Contra ventos e marés. Quanto mais duras são as marés, mais importantes são os marinheiros.

Sebastião Lima Rego

Com umas pinceladas

Se eu quisesse dar uma opinião impressionista, com umas pinceladas, sobre o que é para mim a Casa da Achada, seria assim: receber, dar, aprender, conviver, discutir, participar, ficar espantado com tanta actividade, conhecer a imensa e variada obra de Mário Dionísio, fazer grandes amizades, ver filmes excelentes à 2ª feira, ouvir gente «lendária» a falar das suas vidas, ficar a saber mais coisas sobre Montaigne, Kafka, Robbe-Grillet ou Carlos de Oliveira, aprender mais um bocadinho sobre a Comuna de Paris ou as «aparições» de Fátima, cantar num coro único no mundo, alargar horizontes com a Lega di Cultura di Piadena ou a Associação Cardan de Amiens, rir e brincar com as crianças que por ali andam, aprender a fazer coisas com as mãos nas oficinas de domingo, sorrir para as vizinhas que nos aturam e nos ouvem cantar nos ensaios do Coro às 4ªs, ler um livrinho na biblioteca, comer as comidinhas da D. Lina e do Sr. Eurico ali mesmo ao lado, ver tanta gente nova a colaborar nas feiras, exposições e afins, e, por fim, ser estimulada pela incrível Eduarda, «mãe» de todos nós.

Clara Boléo

publicações periódicas e secções menos requisitadas) num armazém situado no jardim. O grupo de colaboradores da Casa da Achada que organizou um programa de «passagens e paragens» pelas ruas do bairro – cafés, tascas, restaurantes, locais de convívio e de espera – com textos escolhidos para ler a quem está, vai continuar a divulgar assim a Biblioteca. Prospectos com pequenos textos foram distribuídos pelas caixas de correio dos habitantes da zona.

Tencionamos retomar os «Grupos de Leitura» em Novembro.

7. LEITURA FURIOSA

Nos dias 11, 12 e 13 de Maio realizou-se a 9ª edição anual da Leitura Furiosa em Lisboa. Foi a 4.ª vez que a Casa da Achada-Centro Mário Dionísio a organiza em Lisboa. Ao mesmo tempo que acontece em Amiens (França) – na Associação Cardan que a imaginou e coordena – no Porto (Serralves) e este ano, pela primeira vez, em Beja (Biblioteca Municipal).

Trata-se de encontros anuais de escritores com «zangados com a leitura» (frequentadores de Centros Sociais e de Dia, e de outros lugares, alunos de escolas públicas com dificuldades ou desinteresse pela leitura), numa sexta-feira, o que dá origem a textos que os escritores escrevem imediatamente após os encontros, que lêem no sábado ao grupo, que são ilustrados à vista de todos por desenhadores, e lidos, no domingo, em voz alta por actores. Alguns musicados e cantados, numa sessão pública, de entrada livre.



Todos os textos e ilustrações são mandados de um lugar para os outros lugares, e, se necessário, traduzidos para francês ou português. Fazem-se brochuras que são distribuídas na sessão de Domingo.

Este ano, em Lisboa, participaram 8 grupos (cerca de 50 pessoas

«zangadas com a leitura»), 8 escritores (Filomena Marona Beja, Jacinto Lucas Pires, Jaime Rocha, José Mário Silva, Margarida Vale de Gato, Miguel Castro Caldas, Nuno Milagre, Rosa Alice Branco), 8 instituições (Centro de Apoio Social dos Anjos, Centro Social de S. Cristóvão e S. Lourenço, Centro Social da Sé, Escola do Castelo, Conselho Português para os Refugiados, Escola Gil Vicente, Recolhimentos da Encarnação e de S. Cristóvão). E os 6 ilustradores de sempre (Bárbara Assis Pacheco, José Smith Vargas, Nadine Rodrigues, Nuno Saraiva, Pierre Pratt, Zé d'Almeida). E 11 tradutores (António Gonçalves, Cristina Almeida Ribeiro, Eugénia Leal, João Pedro Bénard, João Rodrigues, Joaquim Beja, Manuela Torres, Manuela Vasconcelos, Teresa Meneses, Zé Lima). E 8 leitores e músicos (Antonino Solmer, Diana Dionísio, Diogo Dória, F. Pedro Oliveira, Inês Nogueira, Joana Craveiro, Pedro Rodrigues, Suzana Borges).

8. CICLO PALETA E O MUNDO III

Terminada a leitura integral de **A PALETA E O MUNDO**, feita durante dois anos, todas as segundas-feiras ao fim da tarde, tem havido, no mesmo horário, outras leituras, quase sem-

reconstituição das paredes duma casa

EXPOSIÇÃO (SEM CURADORIA) DE 28 ARTISTAS AMIGOS DE MÁRIO DIONÍSIO

Com esta exposição quisemos continuar a pôr à disposição das pessoas o espólio de Mário Dionísio. Desta vez, obras de arte que lhe foram oferecidas, quase todas por quem as fez.

Juntam-se, assim, 28 artistas, todos do século xx, de características muito diferentes. O que têm em comum é terem vindo das paredes (poucos das gavetas) de uma mesma casa: a de Mário Dionísio e de Maria Letícia, na Avenida Elias Garcia, em Lisboa. E quase todas ficaram emolduradas como estavam lá.

Por isso, chamámos a esta mostra «reconstituição das paredes duma casa». O que não é bem verdade: algumas (poucas) obras têm molduras novas; havia nessa casa muitas outras peças nas paredes, nomeadamente quadros de M.D.; não estavam dispostas lá como nos pareceu interessante arrumá-las agora na nossa Zona Pública.

É que, além de disponibilizar uma «fatia» da arte portuguesa (e não só) do século xx, nem toda bem conhecida e parte dela esquecida, quisemos organizá-la de forma a que se entendessem as (diferentes) relações de M.D. com os seus autores.

Muitos dos artistas presentes nas paredes são «amadores». Os tais que «entre outras coisas, pintam». Como Mário Dionísio. Foi para a Casa da Achada um desafio bem grande pôr lado a lado obras dessas gentes várias (maravilhadas com o mundo e maravilhosas nas suas vidas e nas suas artes) e obras de pintores «profissionais», alguns deles com lugar na História da Arte (até mundial) e outros que poderão vir a tê-lo – em breve ou daqui a muito tempo. Sabe-se lá.

Nestas páginas, uma pequena amostragem do que está na exposição.

Álvaro Cunhal



1942, desenho a lápis
Oferta da irmã do artista

José Huertas Lobo



1936, aguarela

António Augusto de Oliveira



1941, desenho a lápis

Abel Salazar



s.d., desenho a tinta-a china

Avelino Cunhal



1942, óleo s/ madeira

Betâmio de Almeida



1973, guache

Cândido Costa Pinto



1936, desenho a lápis de cor

Cipriano Dourado



s.d., litografia

Joaquim Arco



1949, óleo s/ tela

Jorge de Oliveira



s.d., aguarela

José Joaquim Ramos



1958, óleo s/ madeira

Manuel Filipe



1968, óleo s/ platex

Manuel Ribeiro de Pavia



s.d., desenho

Maria Barreira



s.d., escultura

Boris Taslitsky



s.d., gravura

Cândido Portinari



1955, desenho s lápis de cera

Carlos Scliar



s.d., gravura

José Júlio



1952, óleo sobre madeira

Júlio



1959, desenho a tinta da china

Júlio Pomar



1949, óleo s/ madeira

Júlio Resende



1977, aguarela

Carlos de Oliveira



s. d., lápis de cera

Vieira da Silva



s. d., guache

Rogério de Freitas



1991, acrílico s/ papel

João Bailote



s.d., óleo s/ serapilheira

Raul Perez



1967, pintura s/ papel

Germano Santo



1990, gravura

António Cunhal



s.d., aguarela

pre com projecção de imagens ou audição de música. Depois de **O ELOGIO DA MÃO** de Henri Focillon, **A VIDA DAS FORMAS** do mesmo autor, **CONFLITO E UNIDADE DA ARTE CONTEMPORÂNEA** de Mário Dionísio,, textos reunidos em **A ARTE E A CULTURA POPULAR** e **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ARTE** de Bento de Jesus Caraça, capítulos de **INTRODUÇÃO À MÚSICA MODERNA** de Fernando Lopes Graça, as leituras de segunda-feira passaram a ser, a partir de Maio as dos textos fundamentais da «polémica do neo-realismo».

Seguimos a escolha de textos apresentada por MD na sua autobiografia e que ele dividiu em duas partes: a polémica entre João José Cochofel e António José Saraiva; a polémica entre Mário Dionísio e António Vale, em que outros participaram. Susana Baeta, Marta Raposo, Miguel Cardoso e Miguel Castro Caldas leram os textos que foram sendo comentados.

A partir de Agosto, iniciou-se a leitura, com abundantes projecções de imagens de pintura de vários séculos, de parte do **TRATADO DA PAISAGEM** de André Lhote, muito citado em **A PALETA E O MUNDO**. Os textos lidos foram expressamente traduzidos por Manuela Torres, uma vez que não existe tradução em português. Leram Manuela Torres e José Smith Vargas.

Continuaremos este Ciclo até haver ideias e haver quem sinta a necessidade de compreender as artes e o mundo em que vivemos. Coisas antigas e modernas.

Em Outubro, o texto «Lições do passado» de Georg Schmidt, sobre o nascimento da pintura contemporânea.

9. CICLOS DE CINEMA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS

De Abril a Junho: o ciclo **POLÍTICA UMA VEZ POR SEMANA**. Em Julho, o cinema passou, como nos anos anteriores, para o ar livre.. Chamou-se o ciclo **QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA**, musicais de vários géneros. Muita gente pela rua fora.

Os filmes destes dois ciclos foram apresentados por António Rodrigues, Diogo Dória, Eduarda Dionísio, Gabriel Bonito, João Paulo Esteves da Silva, João Pedro Bénard, João Rodrigues, Jorge Silva Melo, Maria Emília Diniz, Miguel Castro Caldas, Pedro Rodrigues, Peter Kammerer, Vítor Silva Tavares, Youri Paiva. Começa no dia 1 de Outubro o ciclo **Literatura e Cinema**.

10. OFICINAS AOS DOMINGOS

Continuámos a fazer oficinas, No domingo 29 de Abril, João Rodrigues acabou a oficina **Quem tem duas mãos tem tudo**, à volta de **berimbau** – o seu som, a sua construção e muito mais...

E depois, tem sido uma oficina por mês. Uma para mais velhos (a partir dos 16 anos) como foi a de **Tradução** em Maio (com Miguel Serras Pereira, João Paulo Esteves da Silva e Regina Guimarães) e a de **Castelhano** (para combater o «portunhol») com Anna Rita Laureano, em Setembro. Outras para todas as idades, a partir dos 6 anos: em Junho, uma de **Fotografia** («Inquérito ao Bairro» se chamou) com Youri Paiva – e os resultados foram expostos num muro durante a Feira da Achada; outra de **Música**, em Julho (e das palavras se chegou de muitas maneiras à «gramática da música»), com Cris-

AS NOSSAS EDIÇÕES LIVROS



REGINA GUIMARÃES – VER AGORA MELHOR O MAIS DISTANTE

Livro-catálogo da exposição. 84 pp.
Com texto introdutório de Rui-Mário Gonçalves.
Col. Mário Dionísio n.º 6

PVP - 18 € Amigos da Casa da Achada - 13 €

SONHAR COM AS MÃOS – O DESENHO NA OBRA DE MÁRIO DIONÍSIO

Livro-catálogo da exposição. 72 pp.
Com texto de Paula Ribeiro Lobo.
Col. Mário Dionísio n.º 5

PVP - 18 € Amigos da Casa da Achada - 13 €

MÁRIO DIONÍSIO – VIDA E OBRA

Livro-catálogo da exposição. 112 pp.
Com textos de: Isabel da Nóbrega, Jorge Silva Melo, João Madeira, Luís Trindade, António Pedro Pita, Rui Canário, Maria Alzira Seixo, Rocha de Sousa, Regina Guimarães, Cristina Almeida Ribeiro, Nuno Júdice, Saguenail, Manuel Gusmão, Eugénia Leal.

Col. Mário Dionísio 4

PVP - 20 € Amigos da Casa da Achada - 15 €

MÁRIO DIONÍSIO – ENTREVISTAS (1945-1991)

Entrevistas a Mário Dionísio e de Mário Dionísio. 350 pp.
Seleccção e organização: Clara Boléo, Cristina Almeida Ribeiro, Eugénia Leal, Pedro Rodrigues, Regina Guimarães.
Coordenação: Cristina Almeida Ribeiro.
Col. Mário Dionísio 3

PVP - 18 € Amigos da Casa da Achada - 14 €

RUI-MÁRIO GONÇALVES – MÁRIO DIONÍSIO PINTOR

Álbum. 64 pp.
Texto de Rui-Mário Gonçalves ilustrado, 30 reproduções de quadros de Mário Dionísio de tamanho de página, cronologia ilustrada.

Col. Mário Dionísio 2

PVP - 14 € Amigos da Casa da Achada - 10 €

MÁRIO DIONÍSIO – ENTRE PALAVRAS E CORES – alguns dispersos (1937- 1990)

54 textos de Mário Dionísio. 372 pp.
Seleccção e organização: Clara Boléo, Cristina Almeida Ribeiro, Eugénia Leal, Jorge Silva Melo, Maria das Graças Moreira de Sá, Pedro Rodrigues, Regina Guimarães.
Coordenação: Cristina Almeida Ribeiro.
Col. Mário Dionísio 1

Edição em parceria com Livros Cotovia

Apoio: Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas

PVP - 18 € Amigos da Casa da Achada - 14 €

FRANCISCO CASTRO RODRIGUES – UM CESTO DE CEREJAS – conversas, memórias, uma vida

Organização, introdução e notas de Eduarda Dionísio.
Volume cartonado. 200 imagens. 480 pp.
Apoio: Ass. Promotora do Museu do Neo-Realismo

PVP - 22 € Amigos da Casa da Achada - 18 €

SERIGRAFIAS



5 serigrafias a partir de desenhos de M.D. numa tiragem de 80 exemplares, em co-edição com a Gesto-Cooperativa Cultural.
Preço de cada: 50€; Preço do conjunto: 200€



CD do CORO

Primeiro CD do Coro da Achada: algumas canções do repertório, algumas letras, alguns textos, com capa especial, de fabrico caseiro.

Preço: 5€

tina Mora; outra que se chamou **Inventar fabricando ou as mãos sujas**, com Pierre Pratt, que continuará em Outubro.

11. MÁRIO DIONÍSIO, ESCRITOR E OUTRAS COISAS MAIS

Temos continuado a série **Mário Dionísio, escritor e outras coisas mais**.

Em Maio, houve sessões em Alhos Vedros, integradas num curso livre sobre Mário Dionísio, organizado pela CACAV: Rui-Mário Gonçalves falou de **Mário Dionísio Pintor** (o que voltou a fazer na Casa da Achada em Junho) e Eduarda Dionísio da **intervenção social e política de Mário Dionísio** (o que voltou a fazer na casa da Achada em Agosto). Em Maio, Rui Canário fez na Casa da Achada a sessão que tinha feito em Alhos Vedros em Abril, **Mário Dionísio professor**. Em Setembro, Maria Alzira Seixo falou de **Mário Dionísio escritor**, o que tinha feito em Alhos Vedros em Abril. E propôs (bela ideia!) desenvolver o que começou a dizer, agora em sessões mensais (de Janeiro a Junho), aspectos de «Mário Dionísio escritor», género por género. Será um «curso» mas não se chama assim.

Entretanto, já em Outubro, António Carlos Cortez retomará a poesia de Mário Dionísio, de que já aqui falou: os dois últimos livros de poemas – **LE FEU QUI DORT** e **TERCEIRA IDADE**.

12. LIVROS DAS NOSSAS VIDAS

Sempre partindo do depoimento de Mário Dionísio «Os livros da minha vida», fomos continuando a percorrer autores e livros.

Extractos de **Os LUSÍADAS** de Camões foram lidos por Luís Miguel Cintra (Maio); Paula Morão falou de **Só** de António Nobre (Junho); Eugénia Leal de **A MODIFICAÇÃO** de Miguel Butor (Julho); Maria João Brilhante de **O SOM E A FÚRIA** de William Faulkner (Agosto); Eduarda Dionísio de **AS BORRACHAS** de Robbe-Grillet (Setembro).

Em Outubro será a vez dos **sonetos de Antero de Quental**. Antonino Solmer lerá uma escolha sua. Eduarda Dionísio fará uma introdução. Pedro Rodrigues musicará sonetos.

13. ITINERÁRIOS

Desta vez, ouvimos **Jerónimo Franco**, ex-trabalhador da TAP, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos no 25 de Abril de 74 e que discursou no primeiro 1º de Maio, contar a sua história, com tanta coisa que não se sabia. Em Outubro, o **Padre Mário da Lixa**, que já nos contou, com o seu humor, as «aparições» de Fátima, virá contar-nos o seu «itinerário». Aprende-se sempre.

14. AMIGOS DE MÁRIO DIONÍSIO

Em Julho foi a vez de **Carlos de Oliveira**. Casa cheia. Sessão longa que não cansou. Pequena exposição documental (livros, dedicatórias, fotografias, poemas), também com desenhos do Autor que poucos conhecem. E a presença de Ângela de Oliveira, companheira de sempre deste grande amigo de Mário Dionísio.

Fizeram intervenções sobre a sua obra Gastão Cruz (que também escolheu os textos que foram lidos), Manuel Gusmão, Nuno Júdice e Rosa Maria Martelo. Leram poemas e prosas de Carlos de Oliveira: Antonino Solmer, Diogo Dória, Jorge Silva Melo e Luis

Quanto a mim...

Faz sentido

Eu subia a Duque de Loulé. Ela descia.

Quase se deu um choque frontal. Mas não. Antes disso já ambas nos tínhamos reconhecido e sorriamos uma para a outra. «Que tens andado a fazer?»

Uma associação, um centro, uma casa com o nome do meu pai, onde tudo lá caiba, onde tudo possa ser compartilhado e mostrado e usado e lembrado, foi a resposta pronta da Eduarda.

Também quero participar, saíu de imediato da minha boca, da minha vontade.

Nem outra coisa seria possível. Uma casa com as suas pinturas, desenhos, livros, escritos, ideias. A sua vida lembrada, trabalhada e perpetuada... E da Maria Leticia...

Eu quero estar lá. Quero contribuir. Quero aprender.

Primeiro foi o leilão. Ajuda financeira preciosa, fruto das ofertas de amigos do Mário Dionísio que se venderam a amigos, desconhecidos, curiosos ou simples passantes que aderiram e fizeram um ambiente único, por entre obras, máquinas, chão de terra, materiais de construção... foi como um prenúncio do que aí viria. E eu estava lá. A ajudar. A participar. A viver e a absorver aquele enriquecimento da minha vida. Tal como tinha querido desde aquele primeiro momento.

Em três anos participei em oficinas, em aniversários,

em leituras furiosas, em feiras, trabalhando, cantando, envolvida e plenamente consciente de fazer parte de algo único.

Único, porque as coisas são o que são as pessoas que as fazem. E as pessoas são únicas.

Enumerar tudo não faz aqui sentido.

Faz sentido, o resultado sentido do que vivi e vivo nesta Casa de arte, de leituras, de livros, de ensinamentos diversos...

Faz sentido, sentir que algo assim faz falta.

Faz sentido, continuar a acreditar que, se por nossa causa, alguém deste bairro começar a gostar muito de ler, de ver, de fazer, tudo vale a pena.

Faz sentido, todo o prazer que tenho sentido na descoberta de novos escritores, pintores, realizadores ou apenas conversadores ou, ainda, fazedores das mais diversas «artes».

Faz sentido, o outro prazer de aprender a cantar e mostrá-lo a quem quiser ouvir.

E faz sentido, todo o sentido, sentir que o homem que foi Mário Dionísio está aqui vivo e que continuará vivo enquanto existirem pessoas que saibam quem ele foi e o que fez.

E nós com ele.

E faz sentido, saber que outros pensam assim, como eu.

Escrever sobre a Casa da Achada?!

Difícil, muito difícil. A arte que tenho não me chega....

O melhor mesmo é viver esta Casa.

Lena Bragança Gil

Um motor de esperança

Ter já 81 anos, estar aqui na Achada, sentir ainda que a amizade aquecida por muitos anos de «luta» é um motor de esperança para os anos que vêm.

Aqui onde encontramos a mensagem de Mário Dionísio numa obra que não pode ser esquecida, mas onde também encontramos fortemente a sua presença viva.

Aqui lembro também a amizade muito forte da

Maria Leticia e o muito que com ela aprendi. Para ti, Eduarda, que tomaste nas mãos tanta da nossa memória, deixa que te afirme que tudo valeu a pena.

A Achada que hoje completa 3 anos é mais uma página escrita por aqueles que não deixaram nem deixam cair os braços. São 3 anos que todos festejamos com alegria, por mais sombrios que sejam os dias de hoje.

Gabriela Dias

Para ir ficando

Não se pode dizer que as portas estejam sempre abertas. (Por favor, consulte o horário em www.centromariodionisio.org). Mesmo sem querer, entra-se na Casa da Achada e o mais certo é não quereremos de lá sair. Começamos a arranjar desculpas para ir ficando e ficando e ficando... Segunda-feira: lê-se: arte, pintura, histórias, ideias explicadas por quem sabe muito e por quem sabe pouco («ai é?»), coisas que ainda andam a ressoar nas cabeças ou que se ouvem pela primeira vez. E vê-se: cinema para rir, para chorar, para discutir, depois das conversas que saltam refeições («Quantos somos para jantar?») Quarta-feira: canta-se. Canta-se porque há coisas que não se sabe dizer de outra maneira, sem nos «afinarmos» com os outros, falando línguas estranhas e saindo da cas(c)a. AH! Mas terça-feira foi um dia em cheio!...

Estar a 2 minutos da Achada ajuda. «Levo 2 pa-

nelões de feijoada», «Levo 2 panelões de sangria», «Levo 2 panelões de bolo de chocolate...» E há a Escola do Castelo e a professora Ariana, os meninos que mudam (crescem!), e sentem na biblioteca a vontade de aprender, saltam da cadeira, cantam, fazem gestos com timidez e perguntas com a boca toda. Outras crianças do bairro entram e saem. Do que é que andarão à procura...? Não sei o que é, mas acho que encontram.

3 anos achada a substituir palavras

saber por Fazer
talvez por Sim
poder por Querer
eu por Tu
ontem por Amanhã

Susana Baeta

Miguel Cintra. E o Coro da Achada cantou. O próximo: Joaquim Namorado.

15. HISTÓRIAS DA HISTÓRIA

Uma série iniciada em Janeiro, que se realiza de dois em dois meses, por proposta de Sebastião Lima Rego, colaborador da Casa da Achada: alguém pega numa efeméride importante desse mês e trata-a com o que sabe (e também com o que vai aprender) para que outros fiquem a saber.

Em Maio, foram as «aparições» de Fátima de 1917, desfeitas pelo Padre Mário da Lixa. Em Julho, Paula Godinho falou da **Guerra Civil de Espanha vivida pelas populações fronteiriças do Norte de Portugal**, nomeadamente em Cambedo da Raia, onde já em 1946 aconteceu um episódio sangrento quase desconhecido. Esta sessão teve continuação em Agosto, com a apresentação do documentário **SILÊNCIO**, ainda não concluído, sobre este mesmo assunto, realizado por António Loja Neves e José Manuel Alves, que estiveram presentes. Em Setembro, o tema foi a **declaração da independência da Guiné em 24 de Setembro de 1973**, contada por Jorge Golias, tenente-coronel na reserva, elemento do MFA que se encontrava na Guiné nessa altura e que participou no processo da descolonização. Também foram lidos poemas e contos (e não só) escritos por jovens militares de várias patentes (profissionais e milicianos) publicados entre 1972 e 1973 na curiosíssima revista ZOE de que Jorge Golias era director. Os leitores foram vários elementos do Coro da Achada: Clara Boléo, Cláudia Oliveira, Diana Dionísio, Lena Bragança Gil, Pedro Rodrigues e Susana Baeta. Em Novembro, a próxima sessão: Duran Clemente virá contar-nos o seu **25 de Novembro**.

16. FEIRA DA ACHADA



Foi a 4ª. Com menos espaço, o largo revolvido já sem árvore, poeira. Até à antevéspera não se sabia se as «obras de S. Cristóvão» (que começaram em Novembro de 2011 e ainda não terminaram...) poderiam ser interrompidas durante um sábado... Foram.

Gente, entusiasmo, conversas, comidas e bebidas. Exposição de fotografia (autores de todas as idades) numa parede da rua da Achada: Inquérito ao Bairro, resultado da oficina de Junho.

Visita guiada à exposição **Ver agora melhor o mais distante. O Mataram a tuna** de Manuel da Fonseca, sempre dito de outras maneiras pelos meninos da Escola do Castelo que vieram com a professora Ariana. Teatro: a «curta» de Daniela Gama, Diana Dionísio, Susana Baeta, chamada **Máquina Reprodutora, Borracheira, Princesa e Secretária**

Tiram Férias e Roem a Corda. Oficinas de xadrez e de canções da Revolução Francesa, que a Feira foi no dia da tomada da Bastilha, 14 de Julho...

E, encurralado na Rua da Achada, por causa das obras sem fim do Largo, o Coro cantou!!!! Com a energia do costume.

Com grandes esforços de muita gente – ofertas, tempo, trabalho – foi possível reunir perto de 3 mil euros.

17. A MINI-LIVRARIA

Se fosse mais usada, os problemas financeiros da Casa da Achada não desapareceriam mas seriam menores.

Não há muitos livros à venda. E os CDs também não são muitos. Mas são quase todos difíceis de encontrar no mercado e quase todos custam menos aqui:

– Edições da CA-CMD – livros e postais e também serigrafias (ver atrás)

– Obras de Mário Dionísio não esgotadas: **A PALETA E O MUNDO**, 2ª edição, 1973-1974 – Volumes 2, 3, 4 e 5 (o primeiro volume encontra-se esgotado); **POESIA IN-COMPLETA**, 2ª edição, 1982 – que inclui os seguintes livros: Poemas (1941), Solicitações e emboscadas (1945), O Riso Dissonante (1950), Memória dum pintor desconhecido (1965); **TERCEIRA IDADE** (livro de poemas de 1982); **O DIA CINZENTO E OUTROS CONTOS** (edição de bolso do livro de contos publicado em 1967); **POMAR** (álbum), 1990, com introdução de Mário Dionísio; **AUTOBIOGRAFIA** (1987); **A MORTE É PARA OS OUTROS**, 1988). E também: **SITUAÇÃO DA ARTE**, 1968, que inclui depoimentos de Mário Dionísio.

– Edições Helastre (Regina Guimarães e Sa-guenail).

– Algumas edições da AJA – Associação José Afonso.

– Alguns livros que foram lançados ou apresentados na Casa da Achada, edições de autor ou de pequenas editoras.

– Alguns livros e revistas de pouca circulação que os autores e/ou editores colocaram aqui.

– CDs de Pedro e Diana.

Também não há espaço para muito mais. Livros usados, vídeos, CDs fora do mercado reaparecerão no **Fim-de-semana diferente** de Dezembro.



18. AMIGOS DA CASA DAACHADA

Mais do que nunca agora, «em tempos de crise», chamamos a atenção para os «Amigos da Casa da Achada», criados em Janeiro de 2010. «Amigo» qualquer um pode ser. Contribuí com uma pequena quota simbólica e usufruí de descontos nas edições da Casa da Achada e nos seguintes espaços culturais: Castelo de São Jorge, Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva, Museu do Fado, Museu da Marioneta, Padrão dos Descobrimentos, Teatro o Bando, Teatro Municipal Maria Matos, Teatro da Trindade. Foi o que até ao momento se conseguiu.

São até agora 220, sem contar com os sócios fundadores da Associação Casa da Achada – Centro Mário Dionísio que pagam quota.

Quanto a mim...

Uma casa cheia de vida

Quando me pediram para escrever este texto pensei que fosse ser fácil, mas afinal é o contrário. Visto de fora, parece tão simples: descobres um centro cultural consagrado a um intelectual, gostas dos quadros e dos poemas dele, escreves uma tese ou duas sobre o homem, claro que vais frequentar regularmente a Casa que lhe é dedicada. Gostas de cantar, então passas a fazer parte do Coro da mesma Casa – simples. O poeta, em questão, era muito empenhado e o centro cultural também é, assim estudar aquilo dá-te vontade de te empenhares mais e voltas a Lisboa para fazer um voluntariado – lógico. E, assim, a tua presença na dita casa torna-se quase um cliché: «Gosto de Mário Dionísio ergo gosto da Casa da Achada.»

Mas acreditem que não é assim. A Casa da Achada não é só um centro de documentação dedicado a um homem importante do século XX – embora eu nunca me fartarei de insistir quão importante isto é e quão absurda é a falta de reconhecimento em relação a Mário Dionísio, até em pessoas que deveriam saber melhor. Mas, o Centro Mário Dionísio é muito mais. Esta Casa não é só casa, é sobretudo pessoas. E é um sítio onde há coisas que não funcionam, claro. Há quem diga que há valores que não são sustentáveis... E depois? As pessoas que fazem viver esta Casa têm a coragem de se manterem direitas e coerentes – nesta Casa aprendi que a revolução não se burocratiza e, sabe-me bem saber que ainda há um sítio onde vivem ideais. No meio da Mouraria, um bairro onde as políticas culturais e urbanas são em grande parte cosméticas, hoje é revolucionário propor um centro de documentação com exposições e actividades ligadas a Mário Dionísio ao resto do mundo (ainda há tanto para aprender), misturando vozes e risos com teorias e debates de fundo, convívios e filmes, cantigas e palestra. Tudo isto gratuito e acessível a todos... enfim, acessível a quem consegue encontrar a casa amarela no meio desse labirinto.

Fazer isso não é fácil. E, às vezes, não é politicamente correcto. Mas é vida. E é nesta Casa



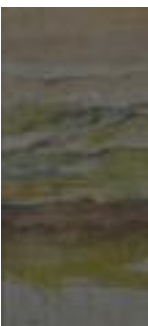
cheia de vida que, talvez pela primeira vez, reconheci valores activos que eu respeitava sempre mais à medida que os conhecia e percebia. Parece simples, mas não é assim tão vulgar.

E, mesmo durante esse verão de 2012 durante o qual a dureza do meu trabalho me afastou da Casa da Achada, em tantas questões que tive encontrei um reflexo do que Mário Dionísio e o seu centro me tinham ensinado: que é preciso transformar o mundo com a alma e com as mãos, com o cérebro e o coração; que a transformação faz-se para e pelos seus actores; que cada um de nós é actor; que mesmo para realizar a transformação não se pode deixar uma ideia tornar-se doutrina; que «pior que não cantar é cantar sem saber o que se canta»; que a luta pode ser dura mas que às vezes basta uma faísca para acender o fogo.

Aprendi muito aqui; apaixonei-me por palavras e por uma cidade; aqui reconheci e senti-me reconhecida; aqui revoltei-me e sonhei e percebi coisas e pessoas; aqui... A lista é longa e mais íntima do que parece – mais íntima do que eu pensava. Quando olho para os últimos anos, para tudo o que mudou, reparo que há um sítio onde isso começou e onde, desde o dia 5 de Agosto de 2010, o dia em que pus ali os pés pela primeira vez, sempre voltei e sempre encontrei consistência. Este sítio – ainda vale a pena dizer qual é? É a casa amarela no largo da Achada.

Morgane Masterman

OBRAS DE ALICE JORGE PARA VENDA



As obras que nos foram oferecidas pelos respectivos autores (ver Ficha 4 e página net) somam-se agora dois desenhos e duas aguarelas da pintora Alice Jorge – oferta de Alexandre Pomar. Os desenhos encontram-se à venda a 150 € e as aguarelas a 200.



Pensamentos & Achados na Achada

Eis o ponto de partida do trabalho que a Associação Cardan, de Amiens, denomina «Les pensées samariennes», e que será extensível à Casa da Achada de 5 a 10 do próximo mês de Novembro, altura em que receberemos cerca de 27 pessoas para com elas trabalharmos e convivemos. Seguindo as informações do mentor e nosso amigo Luiz Rosas, então lá em França foi assim:

A Associação empregou 16 pessoas (11 mulheres e 5 homens), com dificuldades sociais de vária ordem, para em conjunto reflectirem sobre o que lhes foi dado viver no quadro da sociedade envolvente. Durante seis meses (o prazo dos contratos de trabalho financiados pelo Governo) esse grupo de pessoas, dividido por sua vez em três grupos, trabalhou 20 horas pelos dias úteis de cada semana. Os seus encontros foram filmados para memória futura. Os grupos espalharam-se por três lugares, um num território marítimo (Rue), outro num espaço semi-urbano (Abbeville) e o terceiro num meio rural (Montdidier / Moreuil). Uma vez por mês os grupos

(ver imagem supra) reuniram-se para partilharem as suas pesquisas. A organização convidou um professor (de filosofia) para que fizesse a ligação necessária entre todas as reflexões e crescesse o texto apropriado. A partir da história das suas vidas e experiências, todas as pessoas procederam à análise de cinco temas previamente definidos: o emprego, a mobilidade, a oferta cultural, as aprendizagens (de âmbito escolar e não só) e a cidadania. Tudo o que foi pensado, foi falado, e falado com outras pessoas – políticos, patrões, funcionários públicos e privados, gente nas ruas, etc.

Esta iniciativa, aqui apenas esquematizada, teve lugar de Março até ao início do mês de Agosto passado.

Ora a ideia é trazer à Casa da Achada esse grupo de pessoas para, num período de cinco dias úteis, proceder a abordagens, necessariamente adaptadas e com gente nossa, de temas suscitados por um leque de interrogações como, a título de exemplo:

– em que medida tivemos nós experiências semelhantes?
– quais os meios de mobilidade dos

portugueses? quais os preços dos passes sociais?

– como são processadas as ofertas de emprego? há pólos de emprego como em França?

– a segurança social é extensível a todas as pessoas?

– noutro âmbito, há visitas a museus e a edifícios históricos? quantos monumentos estão inscritos na UNESCO?

– como vivem os jovens detidos em centros de reabilitação? porque é que foram detidos? que ajudas lhes poderão ser dadas?

– como é que se produz o vinho do Porto? Etc.

Para tal e tanto a parceria Casa da Achada-Cardan, nos 5 dias de trabalhos, organizará os necessários encontros do colóquio popular e registará as várias intervenções com os convidados.

Muitas mais ideias, muitas mais interrogações terão lugar até à data do encontro. Escusado será dizer que está toda a gente convidada para interlocutora e anfitriã desse grupo de gente, digamos, «desapossada».

Toda a gente, insistimos.

OBRAS: E A SAGA CONTINUA

Do Intendente ao Largo do Caldas, há Festa na Mouraria. A rebeldia em moto-contínuo ameaça extravasar a outras zonas da cidade bem carenciadas de culinárias étnicas, eventos multiculturais, batuques de dar à anca e disenterias de fados-património da humanidade amante de sofrimentos que não doam. TODOS estão contentes – e nós aqui, cercados cercados sim, pois também.

O Larginho da Achada, tal se pode pisar, encontra-se devidamente empedrado, e até alberga três coisas em forma de assim (*sic*, Alexandre O'Neill) a que os técnicos da coisa chamam «árvores», isto a ver se a gente se esquece daquela outra que lá estava, alta-neira, mãe de sombreados, e que foi à vida porque lhe decretaram a morte em lugar da cura. À laia de compensação, aqui na Rua da Achada também se esforça outra coisa com ramagens ralas. Nada contra: se ansiarmos por sombras frescas nos dias de ananases, bem podemos refugiar-nos no Jardim da Estrela, que por enquanto consegue resistir aos paisagistas camarários. Ah! mas os pisos da Mouraria estão um regalo de bem calcetados. Se vierem a ruir alguns dos muitos pardieiros de cara lavada e miolo podre que os delimitam, o empedrado bem poderá constituir sólida base onde arrear o entulho centenário. É que não sobra dinheiro para uma honesta reabilitação do edificado, nem os indígenas do bairro, multi-étnicos e tudo, justificam grandes investimentos. Por outro lado, há a Festa. E esta, por si só, custa um balúrdio – que o digam os programadores, ena tantos, que não dão borlas.

Uma voltinha pela zona, e eis-nos nas escadinhas de S. Cristóvão, tão apreciadas ao descer. Felizes olhos que tão grossa maravilha podem contemplar! É que por tudo quanto é parede se desdobra um «mural» com direito a placa jubilatória e que está ali para glorificar o Fado e o Tintol e servir de feliz cartão de visita, muito fotografado, aos turistas que intentam levar para as suas selvas isto que exprime a verdadeira essência do bairro comunitário, da ci-



Beco da Achada:
o antes e o depois do Muro.
Descubra as diferenças!

dade multicultural, do país castiço como outro não há no planeta. Sendo a obra a cores – dos bigodes e patilhas dos machos beberões à pernaça com meia de rede das severas – o festim visual é de estarrecer, perdão, de enternecer.

Mas outra boa novidade consiste na futura edificação de uma Oficina da Guitarra, cuja qual ficará implantada mesmo defronte da nossa Zona Pública. Aqui, permita-se-nos uma sugestão, que sabemos positiva: porque não alargar a Oficina também à Viola (a ver se ela vai à dita) e, na passada, aos gasganetes dos milhares de candidatos a fadistas que bem precisam de afinação para não andarem a ganhar pelas esquinas?

Para terminar, em boa hora: graças a um bestunto privilegiado, ergeu-se no Beco da Achada um muro de betão em ângulo recto que serve para ginastificar o acesso à porta do prédio n.º 2, habitado por uma pessoa deficiente motora. O ângulo recto, mais o outro em L formado pelas duas paredes do referido prédio delimita um espaço que o iluminado bestunto designou como «zona de lazer».

Se isto for para rir à gargalhada (excepto pela locatária da porta n.º 2), cá se acentua a prova provada de que há Festa na Mouraria!

MÁSCARAS, PRISÕES, LIBERDADES e CIFRÕES

Com vista a uma MARATONA DE INTERVENÇÕES, que tem lugar a 29 de Setembro, aqui se reproduz o texto que foi enviado a diversos amigos e colaboradores da Casa da Achada. Responderam e corresponderam ao pedido os seguintes nomes: Ariana Furtado, António Loja Neves, Diana Dionísio, João Rodrigues, Jorge Silva Melo, Luis Miguel Cintra, Luiz Rosas, Maria Alzira Seixo, Maria João Brilhante, Miguel Castro Caldas, Miguel Serras Pereira, Natércia Coimbra, Pedro Rodrigues, Pedro Soares, Pitum Keil do Amaral, Regina Guimarães, Rui Canário, Rui-Mário Gonçalves, Serge Abramovici (Saguenail), Vítor Silva Tavares, Youri Paiva.

No dia 29 de Setembro a Casa da Achada vai fazer 3 Anos. Em torno do espólio de Mário Dionísio, partindo da sua obra de escritor, pintor, professor, da sua atitude perante a vida e da sua relação com o mundo e com os outros, da obra de outros artistas seus amigos, da quantidade de temas de toda a ordem e de questões que a sua obra convida a pensar e repensar, muita coisa se passou na Casa da Achada com mais ou menos gente presente, mais ou menos interesse, sempre com esforço, mas com muita alegria de trabalhar e de juntar pessoas. É com algum orgulho e até alguma surpresa que nos damos conta do que se fez em 3 anos e da quantidade de gente de áreas diferentes que por aqui passou, participou, se conheceu.

Independentemente da natureza de cada uma das realizações e sem pensar muito nisso, a própria Casa acaba por definir uma «personalidade própria», uma maneira de estar na chamada Cultura que é afinal aquilo que reúne tanta gente diferente e que em tudo se opõe ao «mercado cultural» que, com crise ou sem crise, vai minando a própria ideia, função e lugar da arte, do conhecimento, do pensamento, do prazer, na vida das pessoas, tudo englobado na lógica do dinheiro ou da falta dele. Sentimos que uma das razões principais por que as pessoas gostam de cá vir é justamente por este espaço ser uma ilha de «civilização» no supermercado cultural, e corresponder de forma espontânea e natural afinal a um sentimento político comum a tanta gente, que aqui se sente bem, a uma verdadeira necessidade de encontrar cúmplices de oposição à lógica tecnocrática, inculta, mercantilista, desumana, em que o sistema político em que vivemos nos quer prender.

A «crise» está a tornar em fatalidade uma barbárie que muita gente recusa, e que é decorrente do próprio sistema de valores sobre o qual a sociedade agora se rege; o tema da própria progressiva desresponsabilização do Estado pela actividade cultural muitas vezes encobre a interiorização na vida artística dos critérios de mercado ou a ignorância a que os sistemas educativos condenam a actividade intelectual.

Já que a Casa da Achada tem juntado tanta gente solidária neste sentimento de oposição, pensámos que seria oportuno celebrar os seus 3 anos de existência com uma tomada de posição, uma tentativa de primeiro manifesto. Pensámos que podíamos programar uma maratona de pequenas intervenções de 10 minutos de colaboradores da Achada, pessoas de muitas áreas diferentes e de diferentes idades, em que, cada um à sua maneira, desse conta do mal-estar que sente na vida cultural, fizesse um diagnóstico de erros, desse sugestões, falasse das relações do dinheiro com a prática, das aspirações, dos problemas de formação artística, de cultura e educação, cultura e escola, desencantos e alegrias, formas de organização. Gostaríamos de reunir testemunhos pessoais ou colectivos, pequenos textos que no seu conjunto acabassem por dar conta de como a vida política afecta a actividade cultural e como a vida cultural pode ou não influenciar a vida política nesta já segunda década do século XXI e ser ela própria actividade política prioritária. Com o mesmo carácter livre e espontâneo com que tanta gente tem colaborado nas actividades da Casa, seria uma tentativa de prestar testemunho de como na Casa da Achada existe, em cada momento de trabalho, em cada conversa, em cada sessão em que participamos, um ideal de vida que é contrário ao que as democracias europeias estão a querer solidificar mas que gostaríamos que cada vez mais recusassem.

A Casa da Achada não corresponde a nenhum dos modelos culturais previstos. Em vez de isso nos empurrar para uma atitude defensiva, gostaríamos de afirmar como vontade de criação de um espaço de combate ou de afirmação de alternativas. Desafiamo-lo a ser um dos que na tarde de dia 29 tomasse a palavra. A ideia seria dedicar a tarde a essa sequência de intervenções e conseguir depois editar como livrinho esse conjunto de textos.

